

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL – UEMS

PRÓ-REITORIA DE ENSINO - PROE
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS
CURSO DE PEDAGOGIA- LICENCIATURA

**Múltiplas linguagens, diferentes contextos: caminhos e reflexão à
docência**

Mirlene Dalio Ribeiro

DOURADOS - MS

2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL – UEMS

PRÓ-REITORIA DE ENSINO - PROE

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS

CURSO DE PEDAGOGIA- LICENCIATURA

**Múltiplas linguagens, diferentes contextos: caminhos e reflexões à
docência**

Mirlene Dalio Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, tendo como orientadora a Professora Doutora Giana Amaral Yamin.

DOURADOS - MS

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

B275o Ribeiro, Mirlene Dalio

Múltiplas linguagens, diferentes contextos: caminhos e reflexão à docência. Mirlene Dalio Ribeiro. Dourados, MS: UEMS, 2016
44p. ; 30 cm.

Monografia (Graduação) – Pedagogia – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2016.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Giana Amaral Yamin.

1. Linguagem musical 2. Educação Infantil 3. Múltiplas linguagens. 4. Pibid. I. Título

CDD 20. ed.362.7

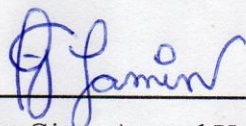
FICHA DE APROVAÇÃO

Mirlene Dalio Ribeiro

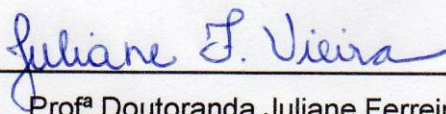
Título do Trabalho: Múltiplas linguagens, diferentes contextos: caminhos e reflexões à
docência

Este trabalho de conclusão de curso – TCC do curso de licenciatura em Pedagogia da
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul foi submetido à Banca Examinadora como
requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

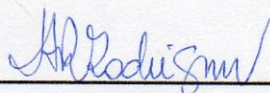
Dourados - MS, 16 de 03 de 2016.



Profª Doutora Giana Amaral Yamin – UEMS
Orientadora – Presidente da Banca



Profª Doutoranda Juliane Ferreira Vieira
Membro da Banca



Profª Mestre Almerinda Maria dos Reis Vieira Rodrigues- UEMS
Membro da Banca

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me dado vida e saúde para desenvolver este trabalho. À Capes, por ter oportunizado esse tempo e essa experiência que pude obter com o Pibid. Agradeço a todos os professores da UEMS pelos conhecimentos teóricos que ampliaram o meu repertório literário para minha vivência profissional. E, principalmente, quero agradecer à Professora Giana Amaral Yamin, minha orientadora, conselheira e educadora, que me instruiu, orientou e esteve comigo em todos os momentos deste projeto. À Banca Examinadora, meu apreço por se dispor a atender o convite e avaliar o trabalho. A minha gratidão também, à direção e à coordenação da Escola Avani Cargnelutti Fehlauser, por disponibilizar o espaço da escola para podermos trabalhar com as crianças. Às professoras da turma da Pré-escola A, por abrirem a sala e nos deixarem desenvolver as atividades. Aos pais, que autorizaram o uso das imagens de seus filhos para este projeto. Às crianças, por participarem de todas as atividades, contribuindo para esse trabalho final. Às bolsistas, Maiara Prestes e Larissa Valenzuela, por me auxiliar, junto às crianças, no desenvolvimento do projeto. E, por fim, à minha família, pelo amor, compreensão, amizade e companheirismo em todas as ocasiões.

RESUMO

Esta monografia apresenta e analisa os caminhos do projeto “O casamento da Bruxa Onilda”, o qual integrou as ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Foi desenvolvido no ano de 2015, com crianças da Educação Infantil, da Escola Municipal Prof. Avani Cargnelutti Fehlauer, localizada em Dourados (MS). Os encontros ocorreram duas vezes por semana. A justificativa para a idealização da proposta deveu-se à importância de inserir no cotidiano das crianças atividades que contemplassem diferentes linguagens, como a música, a literatura, o desenho, a oralidade, as brincadeiras, o movimento, a pintura, entre outras, uma indicação dos teóricos da área e de documentos oficiais. Além disso, partiu-se do princípio da necessidade de articular linguagens na pré-escola. A metodologia do projeto abarcou atividades de leitura e de contação de histórias; músicas de diferentes gêneros; danças; brincadeiras cantadas; dramatizações; parlendas, pintura e desenho. Como resultado, oportunizamos às crianças possibilidades de expressão e de ampliação do repertório cultural, além de construirmos caminhos para o trabalho docente com as múltiplas linguagens na Educação Infantil.

Palavras-Chaves: Linguagem musical. Educação Infantil. Múltiplas linguagens. Pibid.

ABSTRACT

This paper presents and analyzes the paths of the book "Witch Hazel gets married", which integrated the actions taken by the Pedagogy students from Mato Grosso do Sul State University (UEMS) through Institutional Scholarship and Introduction to Teaching Program (Pibid). It was developed in 2015 with children from kindergarten in the Municipal School Professor Avani Cargnelutti Fehlauer, located in Dourados (MS). The meetings took place twice a week. The reason for the project's construction was the importance of including in children's daily routine activities that use different languages, such as music, literature, drawing, orality, playing, movement, painting, among others, as educational theorists and official documents' indication. Moreover, it assumed the need to articulate languages in preschool. The project's methodology encompassed reading activities and storytelling; songs from different genres; dancing; singing games; dramatizations; rhymes, painting and drawing. As result, children had possibilities of expression and expansion of cultural repertoire, and we built paths to the teaching work with multiple languages in kindergarten.

Key Words: Musical language. Children Education. Multiple languages. Pibid.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------|--|
| DCNEI | Diretrizes Curriculares Nacional de Educação Infantil |
| MS | Estado de Mato Grosso do Sul |
| PIBID | Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência |
| RCNEI | Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil |
| UEMS | Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1 CAMINHOS PERCORRIDOS | 13 |
| 1.1. Metodologia..... | 13 |
| 1.2 Alguns Conceitos..... | 15 |
| 2 DESENVOLVIMENTOS DAS ATIVIDADES..... | 18 |
| 2.1 Atividade 1: Apresentação do projeto e da obra..... | 18 |
| 2.2 Atividade 2: A chegada da Bruxa Onilda e a construção do castelo | 19 |
| 2.3 Atividade 3: Exploração da personagem Esqueleto e da parlenda “Tumbalacatumba”(Palavra Cantada)..... | 21 |
| 2.4 Atividade IV: Cantando e brincando com o Frankstein e o Fantasma | 23 |
| 2.5 Atividade V: Brincando com o Vampiro..... | 25 |
| 2.6 Atividade VI: Desenrolando a múmia | 26 |
| 2.7 Atividade VII: Brincando e cantando..... | 27 |
| 2.8 Atividade VIII: Visita do Lobisomem..... | 27 |
| 2.9 Atividade IX: Conhecendo e construindo o convite..... | 29 |
| 2.10 Atividade X: Preparando a festa..... | 32 |
| 2.11 Atividade XI: Redação de um novo final para o musical..... | 34 |
| 2.12 Atividade de culminância: O musical..... | 37 |
| 3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES | 40 |
| 4 REFERÊNCIAS | 43 |

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Imagem 01: Apresentação da peça teatral pelas bolsistas..... | 12 |
| Imagem 02: Fantoches alusivos ao teatro..... | 12 |
| Imagem 03: Foto do livro “O casamento da Bruxa Onilda” | 18 |
| Imagem 04: Conhecendo a obra..... | 18 |
| Imagem 05: Explorando modelos de castelos..... | 19 |
| Imagem 06: Reformando o castelo da Bruxa por meio do desenho..... | 19 |
| Imagem 07: Brincadeiras Musicadas..... | 20 |
| Imagem 08: Brincando de Roda com a música “Mazu” | 20 |
| Imagem 09: Construindo o Esqueleto com sucatas..... | 21 |
| Imagem 10: Esqueleto novo em folha..... | 21 |
| Imagem 11: Brincadeiras Musicadas..... | 22 |
| Imagem 12: Pintura utilizando os pés..... | 23 |
| Imagem 13: Móbile de Fantasma..... | 24 |
| Imagem 14: Pintura utilizando as mãos..... | 25 |
| Imagem 15: Pintura do Vampiro..... | 25 |
| Imagem 16: Escultura com massinha de modelar..... | 26 |
| Imagem 17: Escultura da Múmia..... | 26 |
| Imagem 18: Brincadeiras de Roda..... | 27 |
| Imagem 19: Realizando a réplica do Lobisomem..... | 28 |
| Imagem 20: Realizando a réplica do Lobisomem..... | 28 |
| Imagem 21: Conhecendo o Gênero Textual: Convite..... | 30 |
| Imagem 22: Confeccionando os convites..... | 30 |
| Imagem 23: Enfeitando os convites..... | 31 |
| Imagem 24: Enfeitando os convites..... | 31 |
| Imagem 25: Conhecendo o Gênero Textual: Lista..... | 31 |
| Imagem 26: Entrega dos convites..... | 31 |
| Imagem 27: Conhecendo o Gênero Textual: Receita..... | 32 |
| Imagem 28: Explorando o gênero receita..... | 33 |
| Imagem 29: Construindo o cartaz da receita para o casamento..... | 33 |
| Imagem 30: Mãos na Massa: realizando a receita..... | 34 |
| Imagem 31: Construindo um novo final para o enredo..... | 36 |
| Imagem 32: Conhecendo o Gênero Textual: Votação..... | 37 |

| | |
|--|----|
| Imagem 33: Escolhendo as personagens..... | 37 |
| Imagem 34: Apresentação do Musical..... | 38 |
| Imagem 35: Apreciação do vídeo do projeto final..... | 39 |

INTRODUÇÃO

A presente monografia trata-se de um relato de experiência acerca do desenvolvimento do Projeto: “*O Casamento da Bruxa Onilda*”, o qual integrou uma das ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid)¹, do Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade de Dourados. Ocorreu nos meses de agosto a novembro de 2015, com crianças da Educação Infantil, do turno matutino, da Escola Municipal Prof^a. Avani Cargnelutti Fehlauer, em Dourados (MS).

A justificativa para a idealização da proposta deveu-se à importância de inserirmos no cotidiano das crianças, que participavam do Pibid, atividades que contemplassem múltiplas linguagens, superando práticas nacionais que ainda enfatizam a linguagem escrita na pré-escola, já que

as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira e garantir experiências que: favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical (BRASIL, 2010, p. 25).

A apresentação do teatro, adaptado da obra *O casamento da Bruxa Onilda* (CAPDEVILA; LARREULA, 2004), organizada pelo Pibid Pedagogia da Escola Avani Cargnelutti Fehlauer, no início do ano de 2015, desencadeou as atividades do projeto, considerando o interesse das crianças pelo tema. Por isso, após conhecerem a peça, confeccionamos fantoches favorecendo que a narrativa se transformasse em contação de história, explorada por meio de rodas de conversa, de leituras; de músicas; de movimento; de dramatizações e da arte. As atividades citadas são ilustradas nas imagens a seguir:

¹ O Pibid, Programa Institucional de Iniciação à Docência, é financiado pela Capes, com o intuito de aperfeiçoar e valorizar a formação de professores para a educação básica, promovendo a inserção dos acadêmicos dos cursos de licenciatura no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para desenvolverem atividades didático-pedagógicas, sob orientação de um docente do curso e em coparticipação com as professoras das escolas.



Imagens 1 e 2: Apresentação do Musical produzido pelas bolsistas do Pibid. Fantoches das personagens bruxa e bruxo alusivos à Obra. Acervo Pibid. 2015.

Por meio do referido projeto, oportunizamos às crianças possibilidades para expressão e ampliação do repertório cultural, além de construirmos, como futuras professoras, caminhos na Educação Infantil para fortalecermos o trabalho com as múltiplas linguagens (oralidade, artes plástica e corporal, músicas, escrita, leitura, entre outras), importantes por contribuírem no desenvolvimento intelectual e sensorial das crianças, permitindo-lhes se expressarem e explorarem o ambiente. A esse respeito, Oliveira (2005, p. 227) indica que as “[...] linguagens estabelecem novos recursos de aprendizagens, pois se integram às funções psicológicas superiores e as transformam”.

A experiência descrita é tema desta monografia, organizada da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta a metodologia e o referencial teórico que direcionaram a proposta; o segundo apresenta e analisa o desenvolvimento do projeto com as crianças, seguido das considerações finais.

1. CAMINHOS PERCORRIDOS

1.1. Metodologia

O Projeto “O casamento da Bruxa Onilda” foi realizado no ano de 2015, envolvendo 20 crianças da turma da Pré-escola A, da Escola Municipal Prof^a. Avani Cargnelutti Fehlauer. Ao reconhecer a bagagem cultural da turma, rica em conhecimentos a serem ampliados, e acreditar, também, como norteia o documento Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 2010, p. 12), que as crianças são sujeitos de direitos que, “[...] nas interações, relações e práticas cotidianas, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos [...]”, desenvolvemos a proposta com foco central na linguagem musical, contudo, também realizamos o trabalho com “[...] as linguagens verbais, musicais, dramáticas e plásticas, entre outras [...]” (OLIVEIRA, 2005, p. 230).

A obra utilizada como apoio das atividades do Projeto foi o “Casamento da Bruxa Onilda” (CAPDEVILA; LARREULA, 2004). As atividades propostas foram guiadas por dois eixos norteadores em diálogo: o primeiro, atrelado à formação de professores (Pibid) e o segundo, com foco em avaliar as aprendizagens das crianças, favorecendo que elas explorassem por meio de múltiplas linguagens, que ampliassem seu repertório cultural e que vivenciassem situações de alfabetização e letramento com funções sociais.

A proposta foi delineada a partir de orientação de documentos oficiais e de autores que discutem temas ligados à Educação Infantil, à linguagem musical e às múltiplas linguagens, entre eles, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010); os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1998); Oliveira (2005); Nogueira (2011); entre outros: elaboração e desenvolvimento do projeto; coleta de dados (diário de bordo e imagens fotográficas e filmagens); elaboração de relatórios; análise de dados e organização da monografia.

Para o desenvolvimento do projeto com as crianças foram realizados estudos teóricos; levantamento dos conhecimentos prévios da turma; contação da com fantoches; desenvolvimento de atividades, duas vezes por semana (04 meses); organização, filmagem e apresentação da culminância (musical) às crianças.

As atividades do projeto exploraram parlendas, canções (música popular brasileira e orquestrada) em diálogo com atividades de artes, de leitura, de contação

de histórias, de brincadeiras e de dramatização. Os encontros com as crianças ocorreram duas vezes na semana, durante quatro meses, a partir dos seguintes passos:

- **Atividade I:** Apresentação do projeto e da obra;
- **Atividade II:** Exploração da personagem Bruxa Onilda (dramatização); brincadeiras com as músicas “Aprenda uma Canção” (Frank Churchill) e “Mazu” (Palavra Cantada); pesquisa e desenho de castelos;
- **Atividade III:** Exploração da personagem Esqueleto e da parlenda “Tumbalacatumba” (Palavra Cantada); construção coletiva com sucatas;
- **Atividade IV:** Exploração da personagem Frankstein e da música “Coração de Papelão” (Balão Mágico); pintura com os pés;
- **Atividade V:** Exploração da personagem o Vampiro; pintura com as mãos;
- **Atividade VI:** Exploração da personagem Múmia; modelagem;
- **Atividade VII:** Brincando e cantando com as músicas: “*Mineira de Minas*” (Cantigas Populares), “*Thriller*” (Michael Jackson), “Noite no castelo” (Rumo) e “Coração de papelão” (Balão Mágico);
- **Atividade VIII:** Exploração da personagem Lobisomem; produção de réplicas com desenhos e pinturas;
- **Atividade IX:** Conhecer e construir o convite para o sarau;
- **Atividade X:** Organização dos preparativos para o casamento e exploração do gênero receita;
- **Atividade XI:** Reescrita da versão final do roteiro para o musical;
- **Culminância:** Apresentação, produção e apreciação do registro do musical.

Todas as atividades foram, no contexto do projeto, avaliadas em todo o processo. Resgatamos objetivos, observamos se as crianças se expressaram por meio de múltiplas linguagens, se participaram cantando, desenhando e explorando movimentos. Avaliamos quais músicas elas apreciaram e se aprenderam as características dos diferentes gêneros. Principalmente, observamos se a proposta favoreceu a ampliação do repertório cultural da turma.

Os dados que subsidiam a organização deste trabalho científico foram oriundos de registros do Pibid, com acompanhamento da professora responsável

pela sala, efetivados por meio de diários de bordo das pibidianas (acadêmica e coordenadora de área) e de imagens fotográficas e de vídeos.

1.2. Alguns conceitos

As linguagens podem ser definidas como o modo pelo qual as crianças aprendem a representar algo ou situação usando seu corpo, o desenho, a modelagem, a escultura, a oralidade, a escrita, a música, a dramatização e as brincadeiras. Essas, entre tantas linguagens, permeiam o cotidiano das crianças, ampliando experiências e contribuindo para o seu desenvolvimento, e também oportunizam a liberdade de explorar e de se expressar em situações e com pessoas diversas, como orienta Oliveira (2005, p. 228).

Diante disso, no contexto escolar, é importante ressaltar que as linguagens devem ser significativas e contemplar uma função social e precisam ser exploradas a partir de um planejamento consistente. Em relação à linguagem escrita, segundo Oliveira (2005), devemos oportunizar às crianças possibilidades para elas imergirem no mundo da cultura escrita por meio do contato com livros, com computadores e com as artes. Com isso, poderão conhecer elementos escritos, pictóricos, dramáticos e outras formas de representar o mundo, pela produção de sons, gestos, entre outras. Além disso, é importante articular diferentes linguagens na pré-escola e garantir que elas estejam igualmente presentes na vivência infantil. Dessa forma

[...] é fundamental que o professor medeie a relação da criança com os diferentes tipos de linguagem, entendendo que cada tipo oferece características específicas. Daí a importância de o professor disponibilizar recursos para que a criança se familiarize com os variados tipos de linguagem de que dispomos, pois somente tendo acesso e familiaridade ela poderá deles dispor para fazer valer suas próprias ideias e sentimentos...
[...] (VITÓRIA, 2010, p.07).

O exposto indica que não podemos apenas enfatizar a linguagem escrita nas instituições de Educação Infantil (e das do Ensino Fundamental), pois, como orienta Gobbi (2010, p. 01):

[...] as crianças expressam-se utilizando várias linguagens, com as quais constroem a si mesmas e as culturas nas quais estão inseridas levando-as ao encontro entre palavras, choros, sons, movimentos, traçados, pinturas, todos imbricados em ricas manifestações, mas que, por vezes, encontra-se enfraquecida no cotidiano infantil devido à ausência de propostas, que mesmo simples, procurem garantir processos de criação em que os questionamentos, a busca criativa por diferentes materiais, o respeito pelo

trabalho individual e coletivo, estejam presentes. Cabe aos adultos, junto com seus pares e as crianças, criarem espaços no cotidiano de creches e pré-escolas em que as manifestações infantis estejam presentes sendo compreendidas em sua inteireza, não se deixando conduzir apenas pela linguagem verbal ou escrita desconsiderando as demais formas expressivas.

Apesar das orientações dos autores da área destacadas acima, algumas escolas brasileiras ainda fragmentam o trabalho pedagógico. Por esse motivo, propusemos uma articulação entre linguagens - como a música, o desenho, as artes plásticas e corporais, a oralidade, a escrita, o movimento, a brincadeira, a dramatização, entre outras, como indicam o documento RCNEI (BRASIL, 1998) e os autores da área, já que “[...] no âmbito da Educação Infantil, falamos em ampliação dos repertórios vivenciais e culturais das crianças como um dos objetivos a serem conquistados [...]” (OSTETTO, 2011, p.30).

Importante ressaltar que, entre as atividades desenvolvidas, mesmo sem formação específica na área, destacamos a exploração da linguagem musical (BRASIL, 1998), a qual se traduz em formas sonoras, capaz de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos. Isso se justifica por entendermos que a Educação Infantil é uma etapa importante que favorece o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento das crianças, além da integração social. Diante desse conceito, nos orientamos pelo documento RCNEI, para o qual:

Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados (BRASIL, 1998, p.48).

Nesse contexto, planejamos as ações do Pibid direcionadas pelo conceito de mediação, discutido pela Teoria Histórico-Cultural, para a qual a construção do pensamento é cultural, resultante da apropriação de signos e instrumentos reelaborados historicamente, com destaque para a linguagem. A linguagem “[...] permite que o mundo seja refratado na consciência humana por meio dos significados culturais selecionados pelo sujeito e por ele apropriados com sentido próprio [...]” (OLIVEIRA, 2005).

Considerando o exposto, propusemos ações que estimulassem como orientam os documentos oficiais (BRASIL, 1998), que as crianças apreciassem

obras e conhecessem compositores; que ampliassem seu repertório; que explorassem obras musicais de diversos gêneros; que expressassem sensações, sentimentos e pensamentos; que explorassem e identificassem elementos da música e que participassem de jogos e brincadeiras e de situações que integram música e movimento. No capítulo seguinte, relataremos como ocorreu a experiência.

2. O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

Como apresentado, o projeto “O casamento da Bruxa Onilda” foi desenvolvido por meio de 12 atividades, as quais exploraram as personagens do conto de Capdevila e Larreula (2004), em diálogo com múltiplas linguagens, tendo como foco principal a linguagem musical, por acreditar que a música acompanha os seres humanos em todos os momentos e ocasiões e que, como orienta Nogueira (20011 p.1) “[...] a experiência musical não pode ser ignorada, mas sim compreendida, analisada e transformada criticamente.”, tendo que ser vista atualmente, como uma forma de comunicação. Na sequência, apresentaremos as etapas do trabalho desenvolvido com as crianças.

2.1. Atividade I: Apresentação do projeto e da obra

A apresentação do projeto às crianças ocorreu durante uma roda de conversa. Dialogamos sobre as características do teatro, assistido em maio, suas músicas e personagens.

Depois, mostramos o livro, explorando o título da história. [...] Exploramos o restante da obra: a capa, observando o nome dos autores e do ilustrador, a editora, o ano de edição, a imagem, discutindo a imagem como objeto principal da história. [...] lemos o conto com o auxílio do livro, explorando o texto e as ilustrações (DIÁRIO DE BORDO, 2015).

Após a leitura, combinamos com as crianças que elas receberiam a visita de cada personagem (fantoques alusivos às personagens), que lhes recontariam uma parte da narrativa.



Imagem 03: Livro "O casamento da Bruxa Onilda". Acervo Pibid, 2015.



Imagem 04: Conhecendo a obra. Acervo Pibid, 2015.

Com a atividade, entre outras reações, as crianças manifestaram expectativa em relação às visitas, entusiasmo acerca do projeto e construíram

aprendizagens: conheceram o livro na sua integralidade, externalizaram hipóteses de como aconteceria o desfecho da história; qual seria o motivo da escolha da bruxa; manifestaram-se e aprenderam a ouvir o outro, identificaram diferenças entre o musical e a obra, conquistando autonomia, essencial para possam, como orienta Scriptori (2011, p. 152): “[...] estruturar sua personalidade com base na confiança, autonomia e iniciativa própria. A confiança deve ser experimentada nos contactos humanos que a criança faz com seu meio [...]”.

2.2. Atividade II: A chegada da Bruxa Onilda e a construção do castelo

Dando sequência ao projeto, as crianças receberam a visita da Bruxa Onilda (fantoche) e pesquisaram, com apoio de slides, diferentes castelos (reais e imaginários) para que, com o repertório ampliado, construíssem uma nova morada para a personagem, sistematizada na forma de desenho, como mostram as imagens:



Imagens 05 e 06: Reformando o castelo da bruxa Onilda. Desenho.
Acervo Pibid, 2015.

Para finalizar, exploramos e brincamos com a música “Mazu” (Palavra Cantada) por favorecer a exploração da brincadeira e do movimento e apreciamos a canção “Aprenda a canção” (Frank Churchill), ouvindo e seguindo o ritmo e a pulsação da música, atividades ilustradas na sequência:



Imagens 07 e 08: Brincadeiras Musicadas. Acervo Pibid, 2015.

Pesquisando diferentes castelos, as crianças, coletivamente, discutiram e observaram detalhes resultantes de uma observação intertextual. Projetando um castelo da Bruxa, elas vivenciaram diferenças geométricas, utilizaram régua, perceberam traços de forma organizada esteticamente. Nesse momento, socializaram saberes:

[...]: “- É um triângulo, um retângulo.” Ou “É um castelo da Disney, é o castelo da Cinderela” Também observaram que possuíam janelas, portas, lagos, jardins, torres, quantas janelas tinham o castelo como, por exemplo, um que tinha dezessete, interagindo assim com cada castelo exposto (DIÁRIO DE BORDO, 2015).

A proposta contribuiu para com o desenvolvimento da “[...] capacidade de planejar e antecipar ações — ou seja, de pensar antes de agir — e no desenvolvimento crescente de recursos de contenção motora” (BRASIL, 1998, p. 24). Meninos e meninas foram criativos, pensaram detalhes de estrutura, adaptaram o desenho para um papel amplo, até então desconhecido. Somado a isso, nas atividades com brincadeiras e músicas, constatamos a importância de utilizarmos diferentes espaços e de promovermos a ampliação, no cotidiano das crianças, de momentos para brincadeiras. De acordo com os RCNEI,

[...] é importante que o trabalho incorpore a expressividade e a mobilidade próprias às crianças. Assim, um grupo disciplinado não é aquele em que todos se mantêm quietos e calados, mas sim um grupo em que os vários elementos se encontram envolvidos e mobilizados pelas atividades propostas. Os deslocamentos, as conversas e as brincadeiras resultantes desse envolvimento não podem ser entendidos como dispersão ou desordem, e sim como uma manifestação natural das crianças. Compreender o caráter lúdico e expressivo das manifestações da motricidade infantil poderá ajudar o professor a organizar melhor a sua prática, levando em conta as necessidades das crianças (BRASIL, 1998, p. 17).

Nas brincadeiras cantadas, meninas e meninos também treinaram o equilíbrio, trabalharam em grupos, pois uma criança dependia da outra para realizar as tarefas que a música solicitava.

2.3. Atividade III: Exploração da personagem Esqueleto e da parlenda “Tumbalacatumba” (Palavra Cantada); construção coletiva de esqueleto gigante

Com essa atividade, objetivamos ampliar o repertório musical das crianças e favorecer a criação artística a partir do uso de materiais alternativos. Para isso, propusemos que elas recriassem a imagem da personagem Esqueleto, para que o pretendente “ficasse atrativo e conquistasse o amor da Bruxa”.

Ao iniciar a proposta, as crianças lembraram que Onilda se recusou a casar-se com o Esqueleto “Porque ele é magro, careca e porque seu cachorro vai comer seus ossos” (Ana Júlia, 2015). Essa justificativa organizou as ações da turma para sistematizar a colagem de sucatas no esboço da personagem, como revelam as imagens:



Imagens 09 e 10: Construindo o esqueleto com sucatas. Acervo Pibid, 2015

Em relação à exploração musical, brincamos com as canções “Mazu” (Palavra Cantada) e “Tumbalacatumba” (Palavra Cantada):



Imagem 11: Brincadeiras musicadas. Acervo Pibid, 2015.

A atividade foi significativa e rica em aprendizagens para as crianças, pois percebemos que todas participaram, cantaram e brincaram com movimentos corporais e com a arte. Com a proposta, atendemos ao que orienta Nogueira, (2011): contribuímos para formar ouvintes e apreciadores de músicas de qualidade. Da mesma forma, avaliamos que a brincadeira de roda oportunizou às crianças a vivência de situações de perda, de escolha, de decepção, de dúvida e de afirmação. Constatamos que trabalhar música na Educação Infantil realmente não significa ensinar a tocar instrumentos e a ler partituras, mas, entre outros, proporcionar momentos de apreciação.

Com a colagem, as crianças conheceram a estrutura do corpo humano, compararam as partes da figura do esqueleto ao seu próprio corpo. Relacionaram o formato espiral de um dos materiais disponíveis ao cabelo de uma colega e decidiram que o utilizariam como adorno. Testaram hipóteses para inserir cada material. Para isso, “[...] preencheram os espaços livres do desenho. [...] As crianças conseguiram observar os detalhes, as formas geométricas, as cores que tinham o desenho do esqueleto e os materiais que estavam disponíveis” (DIÁRIO DE BORDO, 2015).

A presença de atividades ligadas à alfabetização e ao letramento pode ser registrada, entre outras, nos momentos da leitura e quando as crianças assinaram a obra, significativa por se tratar de suas identidades. Sabemos que a atividade de “[...] escrever o próprio nome é um valioso conhecimento que fornece às crianças um repertório básico de letras que lhes servirá de fonte de informação para produzir outras escritas” (BRASIL, 1998, p. 147).

Além disso, destacamos o desenvolvimento da imaginação e as ações de trabalho coletivo, favorecendo a presença da Matemática nas discussões acerca das

comparações de tamanhos e formas geométricas dos materiais utilizados na colagem. Isto ocorreu em diálogo com outras linguagens, já que,

Fazer matemática é expor ideias próprias, escutar as dos outros, formular e comunicar procedimentos de resolução de problemas, confrontar, argumentar e procurar validar seu ponto de vista, antecipar resultados de experiências não realizadas, aceitar erros, buscar dados que faltam para resolver problemas, entre outras coisas (BRASIL, 1998, p. 217).

2.4. Atividade IV: Cantando e brincando com o Frankstein e o Fantasma

A partir das personagens Frankstein e Fantasma, definimos, entre os objetivos para a atividade: apreciar e brincar com as músicas “Coração de papelão” (Balão Mágico) e “A Noite do Castelo” (Rumo), que são canções relacionadas às personagens do musical produzido pelas bolsistas do Pibid. Em diálogo com as canções da peça, propusemos a pintura do Frankstein, utilizando como suporte os pés, entre outros, e a confecção de um móbile do Fantasma, utilizando copos descartáveis, tampas e barbante.

Iniciamos a atividade com a releitura da obra, especificamente o excerto que retrata a chegada das personagens Fantasma e Frankstein. Após, organizados em roda, discutimos o enredo. As crianças identificaram o roteiro e lembraram o motivo de a Bruxa não aceitar namorar o Frankstein: “[...] o pé dele é muito pesado e esmagaria o pé dela” (Isabelly, 2015).



Imagem 12: Pintura utilizando os pés.
Acervo Pibid, 2015



**Imagem 13: Móbile de fantasma.
Acervo Pibid, 2015.**

Enquanto ouviram a história e apreciaram as canções e sentiram a pulsação do som. A atividade contribuiu para o desenvolvimento da imaginação, da escrita, do faz de conta, da criatividade, superando práticas de cópias de modelos xerocados, que geram

[...] a simplificação e o empobrecimento da ‘arte’ em uma versão escolarizada, encerrada no fazer e visando a um produto, colocando em ação “o mesmo para todos”, “sigam o modelo”, “é assim que se faz”. Na Educação Infantil, frequentemente, a arte mostra-se com a roupagem de um conteúdo a ser ensinado em determinados momentos ou um conjunto de técnicas e instruções para o exercício de habilidades específicas (os “trabalhinhos” e as “atividades artísticas” vão por esse caminho) (OSTETTO, 2011, p.30).

As crianças também superaram obstáculos: desfiaram o copo descartável, encaixaram o barbante em uma abertura restrita e aprenderam a esperar a sua vez para o momento da colagem. Também

[...] desenharam, com um canetão, os olhos e a boca do fantasma no copo descartável, e, por último, assinaram os seus nomes no móbile. Em todas as atividades realizamos o momento da assinatura de seus nomes, uma decisão que estimula o conceito de identidade e desenvolve a linguagem escrita, por elas vivenciarem o processo de alfabetização (DIÁRIO DE BORDO, 2015).

A pluralidade das ações dessa atividade favoreceu uma série de experiências com múltiplas linguagens. Por isso, avaliamos que oferecemos às crianças “[...] oportunidades, encorajando-as a se soltarem e transcenderem a si mesmas, explorando diferentes materiais/recursos [...]” (PEIXOTO; AZEVEDO, 2011, p. 87). A inserção de criações tridimensionais é indicada pelo RCNEI, as quais exigem diversas ações como colagem, pintura, montagem e envolvem a composição de volumes, proporcionalidade e equilíbrios (BRASIL, 1998).

2.5. Atividade V: Brincando com o Vampiro

Para receber a personagem Vampiro, planejamos brincadeiras com a música “Vida e Morte” (Brandt) e a criação de uma imagem do Vampiro por meio de pintura (com as mãos) e de desenho.

Esses momentos foram ricos em aprendizagens. Quando retomamos o conto, as crianças levantaram hipóteses sobre o porquê de a Bruxa não ter aceitado namorar com o Vampiro: “Ele tem dentes muitos grandes. Ele gosta de sangue e vai querer chupar o sangue dela” (Maria Eduarda, 2015). A roda de conversa também despertou a imaginação da turma para criar um argumento para a reação da Bruxa e estimulou ações ligadas à oralidade, importante para o desenvolvimento intelectual. Para isso, foi necessária a mediação, como indica a literatura:

Diferente do que muitos pensam a aprendizagem de uma língua não é apenas natural. Embora haja, de fato, um desenvolvimento orgânico do aparelho fonador, isso não é tudo! Para falar, é preciso compreender como funciona a linguagem e como se expressar nesse sistema. Isso só é possível para a criança pequena, pela mediação do adulto. É a interpretação do adulto que constitui significação à fala e, desse modo, sustenta a produção de discurso da criança (AUGUSTO, 2010, p.53).

Somado a isso, percebemos a dificuldade das crianças para se expressarem por meio do desenho, pois esperavam por um modelo. E, por acreditarmos no “[...] desenho como uma forma privilegiada de representação, na qual as crianças podem expressar suas ideias e registrar informações” (BRASIL, 1998, p. 232), por meio de mediação e de conversas, exploramos detalhes, formas, cores, semelhanças, relacionando formas conhecidas. Depois dessa exploração, elas desenvolveram a tarefa.



Imagens 14 e 15: Pintura utilizando as mãos. Acervo Pibid, 2015.

2.6. Atividade VI: Desenrolando a múmia

Relembrando que a Bruxa não quis namorar a Múmia por ele se tratar de um pretendente “enrolado”, propusemos às crianças esculpirem uma imagem do pretendente, com massa de modelar, para ser apresentado à Onilda.

No princípio as crianças afirmaram sentir dificuldades para construir a estrutura de uma múmia, porém, com mediação, elas executaram a tarefa. Fomos construindo por partes, explorando as formas geométricas de cada parte do corpo: a cabeça tem forma de esfera e assim mostrávamos como fazer com a massinha. Dessa forma, realizamos todo o processo, parte por parte, explorando a cabeça, o tronco e os membros (DIÁRIO DE BORDO, 2015).

Quando terminamos a etapa de construção, a escultura foi impermeabilizada com cola.



Imagens 16 e 17: Escultura com massinha de modelar da múmia. Acervo Pibid, 2015.

Avaliando a proposta, nós bolsistas, percebemos que, como cada criança realizou a escultura a partir de sua criatividade, mas com apoio, atendemos às orientações de valorizar a esfera de significação da linguagem:

Essa significação pode ser mais conceitual e relativamente estável, como na linguagem verbal, ou mais ampla e menos estável, como nas linguagens artísticas. Como a arte (com exceção das artes literárias) não trabalha com palavras que possuem significados mais cristalizados, com outros materiais (sons, formas, cores etc.), sua esfera significativa é muito ampla, quase ilimitada. Por isso, dizemos que a arte é polissêmica ou aberta a muitas significações. Não há uma única nem uma melhor maneira de se interpretar uma obra de arte. Não há um único nem melhor modo de criar uma obra de arte. Os caminhos são sempre múltiplos e os resultados, bem como suas possibilidades de leitura, infinitos. Respeitar essa pluralidade, mas sem cair no abandono da total falta de orientação, talvez seja o grande “pulo do gato” do professor que trabalha com arte (SCHROEDER, 2011, p. 81).

2.7. Atividade VII: Brincando e cantando

Neste encontro conhecemos e brincamos com a trilha sonora do Musical “O casamento da Bruxa Onilda, especificamente as canções “*Mineira de Minas*”, “Noite no castelo” (Rumo), “Coração de papelão” (Balão Mágico) e “*Thriller*” (Michael Jackson), selecionadas pela diversidade de ritmos, pulsações e origens.

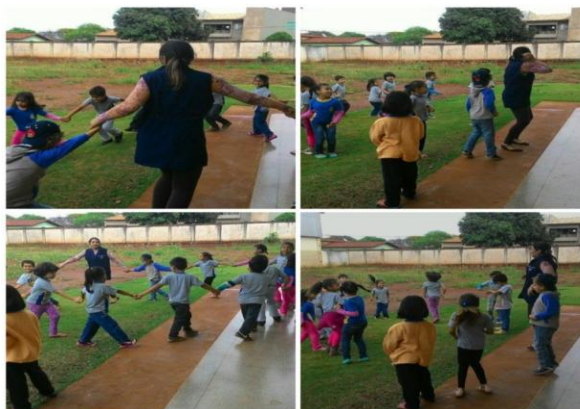


Imagem 18: Brincadeiras musicadas. Acervo Pibid, 2015.

As crianças acompanharam as músicas sozinhas e em roda; com apoio do corpo (palmas; andando devagar/rápido; pisando forte/ fraco). Cantaram com diferentes pulsações, aprenderam sobre o cantor e compositor M. Jackson; dançaram e imitaram; dramatizaram, brincaram e enfrentaram a timidez. A atividade favoreceu a movimentação corporal na apreensão de aspectos musicais, pois a vivência corporal é uma etapa fundamental no processo de apreensão da linguagem musical. A atividade, somada às outras até então realizadas, contribuiu para um trabalho na Educação Infantil no qual as crianças produziram sentidos a partir de uma realização concreta. O Projeto contribuiu para que o cantar e o dançar ocorressem com objetivos voltados à linguagem musical, superando práticas históricas que vinculavam a música com a exploração de datas comemorativas, como reflete Barbosa (2011).

2.8. Atividade VIII: Visita do LobisOMEM

Após tantas brincadeiras, chegou a visita do LobisOMEM. O comentário de uma criança, de que ele “[...] é um homem que se transforma em lobo nas noites de lua cheia” (Miguel, 2015), justificou a proposição da atividade de desenhar réplicas de lobisomens para “convencer” a Bruxa de que, dessa forma, se casando com ele,

teria companhia constante. Avaliando a proposta, percebemos que a atividade do desenho não ocorreu de forma linear:

No início, elas falaram que não conseguiriam desenhar, por se tratar de uma imagem e não apenas um desenho estereotipado, porém, quando introduziram o desenho todos conseguiram realizar com sucesso, alguns com mais dificuldades do que o outro, mas todos conseguiram executar com êxito, pensando em todos os detalhes. Uma das crianças que teve dificuldade, ao terminar, relatou que “o desenho estava feio e errado”, e ao mostrarmos a ela que o desenho dela estava “certo”, ela acrescentou que sabia como melhorar o trabalho: “vou desenhar árvores em volta para ficar mais bonito” (William) (DIÁRIO DE BORDO, 2015).

Para finalizar, exploramos a música “O Vira” (Ney Mato Grosso): apreciamos, brincamos, dançamos e brincamos de roda.



Imagens 19 e 20: Réplica do lobisomem

As atividades desse encontro favoreceram o faz de conta e a imaginação. Para otimizar o desenho e a pintura, meninos e meninas pensaram em detalhes. Apesar de tudo, o desenho se revelou um desafio para a turma, indicando que deve ser inserido na sua rotina com intensidade, em diálogo com outras linguagens para: registrar o espaço (desenhar mapas, caminhos); registros sonoros; para reprodução, pelas crianças de seus próprios desenhos (em escalas maior ou menor); em atividades de intervenções com outros papéis e suportes; para registro de situações cotidianas, sempre exploradas em rodas de conversas.

As crianças também exploraram a linguagem musical, ouvindo e brincando com ritmos, sem se preocupar em aprender a tocar instrumentos ou a ler partituras, uma reflexão importante para o grupo Pibid, que desmistifica ideias de que só o professor de música pode trabalhar com essa linguagem, uma preocupação de Nogueira (2011).

2.9. Atividade IX: Conhecendo e construindo o convite

Após tantos pretendentes, chegou a ocasião em que todos esperavam: reviver o momento no qual a Bruxa Onilda aceita o pedido de casamento do Bruxo Pedrusco Pardusco, com sua linda declaração de amor.

Após leitura da obra, iniciamos os preparativos para as festividades do casamento, organizado sob a forma de espetáculo musical, pelas crianças. Esse processo foi permeado por explorações de gêneros textuais, definidos por Marcuschi (2005) como entidades sócio-discursivas extremamente vinculados a rotinas sociais de nosso dia a dia, transmitindo informações interativas, multimodalizadoras e flexíveis de organização social e de produção de sentidos como uma ação tática de ferramentas adequadas a algum objetivo.

Para que isso ocorresse, as crianças pesquisaram e produziram convites de casamento para serem encaminhados às turmas e aos funcionários da escola. Alguns comentários foram registrados, os quais ilustram alguns dos conhecimentos sobre o tema:

“A noiva joga o buquê e quem pega casa depois” (Sabrina, 2015).

“Ah! É muito difícil para casar. E descobri que depois que casa a mulher engravida” (Ana Júlia, 2015).

Com a atividade, as crianças compararam a estrutura de convites adequados a diferentes situações, e discutiram as linguagens para construir o gênero de forma que atendessem à função social específica do projeto: “O casamento da Bruxa Onilda”.

E iniciamos a apresentação, com o auxílio do multimídia, de vários tipos de convites: formatura, aniversário, casamento, chá de bebê, chá de cozinha, show, lançamento de livro, evento formal, lançamento de CD ou DVD. Passamos um slide por vez, observamos a estrutura e mostramos diferenças dos convites. As crianças perceberam alterações e semelhanças. Deste modo, começamos a realizar as atividades para o evento de cerimônia matrimonial. No convite construído faltava completar alguns campos que necessitavam ser preenchidos: o local, a data e o horário (DIÁRIO DE BORDO, 2015).

Como resultado, as crianças perceberam que, embora os convites possuíssem semelhante estrutura, apresentavam especificidades, relacionadas ao seu objetivo. No momento da entrega, aos convidados, algumas observações da turma revelam aprendizagens:

“As informações estão no convite” (Maria Eduarda, 2015).

“No convite tem todos os dados importantes para o evento” (Isabelly, 2015).

Durante o processo, verificamos que as crianças não tinham domínio de espaço e que precisávamos estabelecer limites para melhor utilização da folha. Também percebemos que algumas não diferenciavam letras e números, o que ampliou a intervenção mediadora do grupo, de forma a garantir que a atividade com a linguagem escrita fosse significativa, considerando que

[...], “estando imersas em um mundo cercado de escrita, as crianças pensam sobre ela muito antes de chegarem à escola, sem pedir licença aos adultos. Trata-se, antes, de criar as melhores condições para a construção de significações a partir das diferentes práticas sociais da escrita, em síntese, de defender como nós, professores, esperamos que as crianças ingressem na língua escrita.” “[...] O contato com a leitura e a escrita não tem o objetivo de garantir que todas as crianças leiam e escrevam autonomamente ao final da educação infantil – e nem é uma expectativa que se deva ter – mas, assegura a elas o direito de pensar sobre o assunto, de explorar ideias sobre o que se escreve e como se escreve (AUGUSTO, 2010, p. 124-125).



Imagens 21 e 22: Conhecendo o gênero convite. Acervo Pibid, 2015.

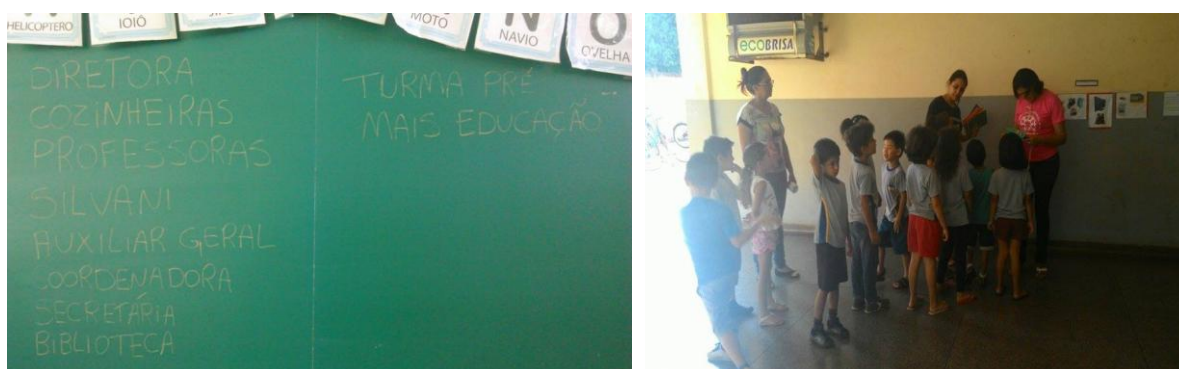
Ao final do encontro, em grupos, as crianças decoraram os convites, “[...] e conseguiram concluir a atividade, porém, algumas necessitaram de mediação para o trabalho de dobradura do envelope e para a colagem por não terem noção de quantidade de cola necessária” (DIÁRIO DE BORDO, 2015).



Imagens 23 e 24: Confeção dos convites. Acervo Pibid, 2015.

A atividade impulsionou muitos aprendizados: experiências com colagem, com o faz de conta, com a imaginação, com a criatividade e com a escrita. As crianças vivenciaram situações de alfabetização e de letramento com função social. Planejaram estratégias coletivas para uso do material e para organização do ambiente. Somado a isso, a observação de Miguel: “É a primeira vez que faço um convite que vai ser entregue”, revela que a atividade que as crianças se apropriaram da estrutura dos convites quando falaram sobre os dados contidos no gênero e indica a importância da exploração de gêneros textuais na escola com uma função social, como ilustrados abaixo:

As crianças participaram da atividade lembrando que tinham que convidar a Silvani; as cozinheiras, por fazer a merenda todos os dias para elas; as meninas que cuidam delas na hora do intervalo; o pessoal da limpeza, por deixar a sala limpinha; os professores; a diretora; as outras coordenadoras; os alunos do programa mais educação; a bibliotecária; a turma do pré da professora Irene; e as bolsistas do Pibid. Esta atividade foi realizada no quadro, tendo a bolsista como escriba, enquanto as crianças mencionavam os nomes dos convidados para o casamento. Com essa proposta, elas conseguiram perceber que é necessário organizar uma **lista de convidados** com os nomes das pessoas convidadas para uma festa e isso acontece com o gênero textual lista (DIÁRIO DE BORDO, 2015).



Imagens 25 e 26: Explorando o gênero lista e entrega dos convites. Acervo Pibid, 2015.

2.10. Atividade X: Preparando a festa

Neste encontro, exploramos o gênero receita. Iniciamos com uma roda de conversa, lembrando o que havia acontecido nas semanas anteriores e apreciamos a música “No meu coração você vai sempre estar” (Phill Collins), por integrar o repertório musical da apresentação. Depois, discutimos as especificidades de uma festa de casamento. As crianças levantaram hipóteses dizendo que, para a ocasião era necessário: “mesa, cadeira, comida, flores, música, docinhos, entre outras coisas”. A partir disso, instigamos a turma a dialogar sobre a preparação da receita do doce de leite em pó.

Antes da construção coletiva da receita no cartaz, discutimos a especificidade do gênero, e propusemos a leitura de receitas variadas, exploradas em folhas sulfite. Como avaliação, percebemos que disponibilizamos para as crianças pouco material. Percebemos também, que as receitas estavam redigidas inadequadamente. Continham excesso de informação, dificultando que a turma utilizasse estratégias de leituras para decifrar o texto.



**Imagem 27: conhecendo e explorando algumas receitas.
Acervo Pibid. 2015.**

Apesar das dificuldades, muitas crianças leram sem saber ler convencionalmente. E, entre as estratégias utilizadas para a descoberta da receita, destacamos a leitura da imagem, a mediação da professora e o resgate dos conhecimentos apropriados de uma discussão com a turma, realizada anteriormente, de que toda receita contém ingredientes e modo de preparo.

Depois desse momento, construímos o cartaz da receita, explorando a linguagem escrita e oral, com apoio dos rótulos de embalagens:

Nesta atividade as crianças testaram suas hipóteses por meio de uma discussão em conjunto de quantos copos precisariam para a receita, do tamanho da lata de leite em pó, de quantos copos cabiam dentro da lata, se e uma lata era suficiente para medir os dois copos de leite que necessitávamos e compararam tamanhos. Essa discussão ocorreu com todos os ingredientes para estimular o conceito de estimativa e de proporcionalidade, conteúdos de matemática, os quais foram explorados com função social (DIÁRIO DE BORDO, 2015).

A partir da exploração das várias áreas do conhecimento, as crianças vivenciaram situações para a construção da autonomia, quando ouviram o outro e expuseram argumentos de forma organizada. Mostraram que são sujeitos com especificidades, pois a partir dos rótulos, perceberam que conseguiam ler sem saber ler convencionalmente.



Imagens 28 e 29: Conhecendo o gênero receita. Acervo Pibid, 2015.

Após a exploração da receita, uma visita ao supermercado foi organizada para a compra dos ingredientes. Primeiramente, retomamos e relembramos a lista de ingredientes registrados no cartaz, depois estabelecemos combinados para a saída da escola. Também discutimos regras de trânsito (atravessar na faixa de pedestre, olhar para os dois lados antes de atravessar, esperar os carros passarem atravessando apenas com segurança, entre outros).

Ao chegarmos ao supermercado, coletivamente, exploramos a comparação de preços entre as marcas:

[...] e enquanto comparávamos o valor do açúcar uma das crianças disse: “essa marca é mais cara”, então indagamos a ela o porquê e ela respondeu: “Essa tem o número nove e essa outra tem o número quatro no mesmo lugar em que esse nove, então é mais barato porque quatro é menor que nove.” (Isabelly, 2015). E essa atividade foi fundamental para trabalharmos conceitos matemáticos de comparação e estimativa, as fazendo pensarem e levantar hipóteses. Porém, em nenhum momento mencionamos que estávamos realizando uma atividade matemática e não estávamos trabalhando esse conteúdo de forma descontextualizada e fragmentada,

sempre desenvolvendo atividades com uma função social para as crianças (DIÁRIO DE BORDO, 2015).

Após a compra dos ingredientes, retornamos à escola para preparar os docinhos. Rememoramos hábitos de higiene. As crianças estavam envolvidas: “Agora sou cozinheiro de verdade porque estou com touca” (Felipe, 2015). O momento culinário foi mediado pelo cartaz com a receita, o qual informava quantidades e medidas.

Fomos pondo os ingredientes na vasilha conforme descrevia o modo de preparo da receita, depois todos amassaram a mistura, e, assim, dividimos e repartimos um pedaço para cada criança como mencionava na receita. Elas enrolaram e passaram no coco ralado sempre esperando o colega terminar para ser a sua vez. Cada criança colocou o seu doce em uma forminha e então contamos quantas porções rendeu nossa receita e cronometramos o horário para descobrirmos a duração do processo. E, enfim, registramos os valores quantitativos no cartaz (DIÁRIO DE BORDO, 2015).



Imagem 30: Mãos na massa!!! Acervo Pibid, 2015.

Avaliando a proposta, percebemos que as atividades tiveram caráter interdisciplinar. Entre tantas aprendizagens, as crianças cantaram e exploraram a linguagem musical; planejaram o casamento e exploraram a linguagem oral; pensaram e compararam tamanhos; leram sem ler convencionalmente, realizaram antecipações de leitura, trocaram conhecimentos e escreveram tendo a pibidiana como escriba.

2.11. Atividade XI: Redação de um novo final para o musical

A proposta da atividade foi a de redigir um novo final para a história “O casamento da Bruxa Onilda”, o qual seria encenado pelas crianças.

Inicialmente, relembramos o final do enredo do livro e do musical e apreciamos as músicas relacionadas às personagens. Depois, relemos a parte final do enredo, a respeito da viagem da Bruxa, com apoio da canção “Alegria de viver” (Bebossa Kids). Cantamos e acompanhamos o ritmo com palmas, apropriando-nos das propriedades e pulsações do som. Depois, na roda de conversa, discutimos um novo final para a história, levantando hipóteses acerca do enredo.

No início, as crianças mantiveram a hipótese de a história ser encerrada com a Bruxa realizando uma viagem, similarmente ao enredo da obra, como revelam os excertos:

“Ela deveria ir para o Paraná, pois eu gosto da minha tia que mora lá”.
(MARIA EDUARDA, 2015)

“Ah não, deveria ir para Pato Branco, pois minha tia tem um bebê.” (ANA JÚLIA, 2015)

“Mas é melhor ir para o Rio Brilhante, pois lá é legal.” (MIGUEL VARGAS, 2015)

As crianças levantaram hipóteses da viagem ou de situações que lhes causavam prazer e foram incentivadas a reconstruir o texto. Discutimos que “a Bruxa Onilda não precisaria necessariamente viajar para ser feliz”. Com isso, as crianças lançaram as seguintes propostas:

“Ela deveria ir ao restaurante comer para ficar feliz.” (FELIPE, 2015)
(DIÁRIO DE BORDO, 2015)

“A Bruxa Onilda deveria ficar pequena para ficar junto com o bruxo”
(FELIPE, 2015).

“As moscas poderão ajudar a bruxa encontrar o bruxo” (ISABELLY, 2015).

“Dá para fazer uma poção mágica para o bruxo ficar do tamanho normal para ficar com ela.” (ANA JÚLIA, 2015).

“Ela deve se vestir como o bruxo para procurá-lo” (MIGUEL GONDIM, 2015).

A partir dos argumentos, iniciamos uma votação para eleger a versão final que adotaríamos para o enredo, a partir de três propostas: que a bruxa ficaria pequena e as moscas a levariam para junto do bruxo; que o bruxo voltaria ao tamanho normal; que a bruxa se vestiria de bruxo e iria procurá-lo. Nesse momento,

Combinamos que em uma eleição só se pode votar em uma versão e assim iniciou-se a votação. A primeira proposta recebeu oito votos. A segunda, dois; e a terceira recebeu três votos. Iniciamos a construção de um gráfico

para que elas identificassem a opção mais votada, porém uma das crianças disse: “O oito ganhou, pois dois e três é pouquinho e os oito faltam dois para chegar a dez”, “oito é muito” (Felipe, 2015). Mesmo assim concluímos o gráfico para mediar a aprendizagem das crianças que não entenderam o raciocínio (DIÁRIO DE BORDO, 2015).

Com a proposta, favorecemos às crianças uma situação na qual elas tiveram de resolver problemas aritméticos e não somente contas isoladas, o que contribuiu, de acordo com os documentos oficiais, para que elas discutissem e descobrissem estratégias e procedimentos próprios e originais (BRASIL, 1998). A partir dos dados, estabelecemos que a versão do conto construída pelo Pré-Escolar seria a de que a Bruxa encolheria e se reencontraria com o Bruxo. Isso desencadeou uma escrita coletiva, tendo a bolsista do Pibid como escriba.



Imagem 31: Construindo uma nova versão para a história.
Acervo Pibid, 2015.

Como aprendizagem à docência, a análise do vídeo revela pontos positivos e negativos. Em relação à contribuição, avaliamos que a proposta foi significativa, pois teve sentido para as crianças: elas sabiam para que/quem estavam escrevendo, o que revestiu a escrita de caráter social (BRASIL, 1998). Por outro lado, devido à falta do tempo, ao invés de explorarmos a redação do texto a partir da voz das crianças, problematizando questões (como a organização do texto), a intervenção da escriba pibidiana considerou as ideias da turma para posterior reescrita isolada no cartaz sem a devida reflexão com as crianças. Com a atividade, aprendemos que é necessário compreender o real sentido da escrita coletiva, que significa construir efetivamente o texto em parceria com a turma. Nesse sentido, é importante propor atividades que favoreçam o uso de estratégias nas formas e que ajudem “[...] as crianças a desenvolverem a habilidade de retornar ao texto escrito —

reler o que está ou foi escrito — para reelaborá-lo, ampliá-lo, ou melhor, compreendê-lo” (BRASIL, 1998, p. 150).

2.12. Atividade de culminância: O musical

Para a definição das crianças que representariam as personagens no musical, propusemos uma eleição. Discutimos sobre o termo eleição e nossos direitos e deveres como cidadãos. Antes de acontecer a votação para eleger as personagens, cada criança manifestou aquela com quem mais se identificava. Observamos que não houve preconceito por parte das meninas quererem representar os pretendentes da Bruxa (sexo masculino), o que pode ser consequência de elas terem vivenciado o musical organizado pelas pibidianas, todas mulheres.

Após a eleição, brincamos, para relembrarmos o roteiro e as músicas da peça. Objetivávamos a realização de um grande momento lúdico, sem foco em preparativos de figurinos ou cenários. A atividade foi organizada pelas/com as crianças, tendo como eixo a apreciação das canções exploradas. Por isso, garantimos participação da turma em todas as músicas, por meio de brincadeiras de roda.



Imagens 32 e 33: Escolhendo as personagens. Acervo Pibid, 2015.

A culminância ocorreu no anfiteatro. Exploramos o enredo do musical produzido pelo Pibid, com alteração do final do conto, reconstruído pelas crianças. Exploramos as músicas do musical, com o intuito de brincarmos. Por isso, não nos preocupamos em montar cenário ou figurinos.

No momento da apresentação, ocorreram imprevistos. Entre eles que a criança que interpretou a Bruxa ficou envergonhada, mas aos poucos, participou com a intervenção da professora da sala, a qual vivenciou a encenação até que ela adquirisse segurança. Algumas crianças também não quiseram subir ao palco, e tiveram a opção de brincarem junto com os colegas, onde estavam sentados. No momento das danças, muitas manifestaram que estavam se divertindo ou que gostavam de uma determinada música. Observamos que havia ocorrido, de fato, a ampliação do repertório musical, pois elas cantaram e associaram as melodias às personagens da história.

A produção das crianças foi registrada em vídeo e, posteriormente, apreciada coletivamente (cinema). Com a experiência, as crianças vivenciaram momentos de sociabilidade; brincaram com as músicas; conquistaram autonomia; trabalharam com o corpo e o compasso por meio de brincadeiras; reviveram a intensidade e as propriedades do som, como mostram as imagens abaixo:



Imagem 34: Apresentação do musical pelas crianças. Acervo Pibid, 2015.

Ao realizarmos uma sessão de cinema com a turma, as crianças puderam observar sua atuação. Esse momento também foi importante, para nós, bolsista, para refletimos acerca do que poderia ser modificado ou melhorado. Favoreceu um novo olhar para os próximos projetos, e, principalmente, para quando estivermos frente à nossa sala de aula, como docentes. Podemos observar como ocorreu essa apreciação do trabalho final na imagem a seguir:



Imagem 35: Apreciação do Vídeo do projeto. Acervo Pibid. 2015.

Finalmente, presenteando as crianças com o DVD, acreditamos ter possibilitado aos pais uma oportunidade para conhecerem um pouco do trabalho desenvolvido.

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir dos objetivos traçados, avaliamos que as crianças participaram ativamente e se envolveram nas atividades, as quais foram significativas e tiveram função social. Elas expressaram-se por meio da oralidade, do desenho e do corpo, sem, contudo, excluir o trabalho de leitura e de escrita, ocorrendo uma vivência de alfabetização e letramento com funções sociais. As crianças participaram de situações desafiadoras, mediadas por diferentes linguagens.

Outros aspectos importantes a serem citados, como o trabalho em grupos, nas produções de artes, dividindo o material e nas rodas de conversas, o qual gerou possibilidades para construção de autonomia. As crianças ouviam o outro e expuseram argumentos, organizaram a sala e os materiais, tomada de decisões; a ampliação do repertório literário, musical e cultural, por meio de contação do enredo com diversos materiais, da apreciação de música de qualidade e de gêneros e de brincadeiras de musicadas; o desenvolvimento da oralidade, expondo ideias e hipóteses; o desenvolvimento da coordenação motora, nas atividades de artes e no movimento; a ampliação da imaginação e de momentos de faz de conta, por meio das atividades da construção da versão final do roteiro; exploração de conceitos matemáticos por meio da comparação de tamanhos, quantidades, medidas, valores, entre outras.

Por fim, meninos e meninas leram saber ler convencionalmente, levantaram hipóteses, fizeram antecipações de leitura, trabalharam com gêneros com função social de modo significativo, vivenciaram a socialização em grupo, desenvolveram e exploraram o uso do corpo, de técnicas e de materiais de pinturas, o trabalho com o ritmo, a pulsação e as propriedades do som.

De igual modo, também alcançamos nosso objetivo enquanto, futuras docentes, desocultando que o pedagogo pode, e deve trabalhar a linguagem musical, mesmo sem formação (embora exija estudos), a partir do olhar de que, desde pequenas, as crianças necessitam apreciar músicas de qualidade e ampliar o repertório, como orientam os documentos oficiais. Além disso, conseguimos por meio do desenvolvimento das atividades, discutir possibilidades, para além da cópia, de explorar múltiplas linguagens na pré-escola. Essas aprendizagens nos ensinaram que, cabe a nós, futuras pedagogas e pedagogos, definir planejamentos e objetivos para trabalharmos com a linguagem musical, objetivando superar o que ocorrem em algumas instituições de Educação Infantil: trabalhar música para a formação de

hábitos e de comportamentos (nos momentos do lanche, do banho, do sono), uma concepção errônea de musicalização.

Por esses motivos, avaliamos que a experiência foi significativa para as crianças e para o grupo Pibid/Uems, principalmente para nós, futuras docentes. Aprendemos que as atividades diferenciadas e lúdicas geram reais aprendizagens na Educação Infantil e que podem ser realizadas no cotidiano das crianças, as quais exercitaram múltiplas linguagens e desenvolveram seu potencial cognitivo e social.

Somado a isso, ocorreram outras aprendizagens significativas para nós, que é necessário ressaltar neste trabalho, que foi a construção de conhecimentos voltados à formação de professores na Educação Infantil, como: organização do ambiente, da turma e do espaço, imprescindível para o cotidiano profissional do docente; como planejar e organizar os momentos de diálogos entre o professor e as crianças, oportunizando falas pelas crianças, e não apenas um monólogo, no qual o professor fala e a criança somente ouve, sem ocorrer, de fato, um diálogo real entre as partes;

Igualmente aprendemos a controlar e selecionar a entonação de voz em diferenciados momentos com a turma, a organizar a posição do leitor nas leituras e contações de histórias em relação às crianças, percebendo, assim, a importância da altura da voz. Além disso, compreendemos que é necessário planejar atividades de forma sistematizada, significativa e com função social e, avaliar o processo como um todo e não apenas o produto.

Contudo, apesar dos resultados positivos, enfrentamos dificuldades que apontam caminhos: a importância de o professor pedagogo, responsável pela turma, efetivar uma proposta que abarque todas as linguagens, entre elas a musical, e a necessidade de integração entre o pedagogo e os profissionais de artes e de educação física, para garantir uma unidade das propostas e evitar o distanciamento das crianças do tema do projeto.

No caso do Pibid, a limitação de tempo interferiu na proposta, devido aos fatores citados, bem como o grande número de ocorrências de feriados e eventos, os quais distanciaram os encontros, afetando a sequência do trabalho. Outro problema encontrado foram as poucas oportunidades para que (re) planejássemos as ações com as crianças. Essas dificuldades poderão ser minimizadas quando estivermos frente à nossa sala, com a possibilidade de trabalhar de forma interdisciplinar. Os desafios vivenciados foram inerentes ao processo de construção

do fazer docente e favoreceram nesse aprendizado, gerando um novo olhar para a Educação Infantil.

Por tudo isso, constatamos que esse trabalho pode e, acima de tudo deve, ser realizado nas salas de Educação Infantil, e, mais além, ele pode ser inserido nas turmas de primeiro anos do Ensino Fundamental, sob-responsabilidade do Pedagogo. Para isso, é preciso planejamento, objetivos claros e significativos e antecipação de materiais.

Somado a isso, ressaltamos que os objetivos alcançados são decorrentes de conhecimentos e experiências adquiridos por meio do curso de Pedagogia e do Pibid, o qual nos proporcionou momentos de interações com situações cotidianas na sala de aula e vivências com a realidade do chão da escola, ressaltando a importância também do referencial teórico, que nos ofereceu bagagem para realização do proposto.

4. REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. A linguagem escrita e as crianças: superando mitos na educação infantil. In. **Caderno de Formação: didática dos conteúdos - formação de professores**. 1.ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 03, p. 52- 64.

BARBOSA, Maria Flávia Silveira. Música na Educação Infantil: reflexões e proposta didática para professores não-especialistas. In. **Caderno de Formação: didática dos conteúdos - formação de professores**. 1.ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 03, p. 97-108.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAPDEVILA, Roser; LARREULA, Enric. **O casamento da Bruxa Onilda**. 1a ed. São Paulo: Scipione. 2004.

GOBBI, Márcia. **Múltiplas linguagens de meninos meninas no cotidiano da Educação Infantil**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=6678&Itemid. Acesso em: 28/08/2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005, p. 17-33.

NOGUEIRA, Monique Andries. A expressão musical e a criança de zero a cinco anos. In. **Caderno de Formação: didática dos conteúdos - formação de professores**. 1.ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 03, p. 109-120.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 223- 242.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis. In. **Caderno de Formação: didática dos conteúdos - formação de professores**. 1.ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 03, p. 27-39.

PEIXOTO, Maria Cristina dos Santos.; AZEVEDO; Leny Cristina Soares Souza. Entrelaçando diferentes linguagens na educação infantil: reflexões e práticas. In. **Caderno de Formação: didática dos conteúdos - formação de professores**. 1.ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 03, p. 75-90.

SCHROEDER, Silvia Cordeiro Nassif. **A arte como linguagem: um olhar sobre as práticas na educação infantil**, 2011. Disponível em: <http://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/9>. Acesso em: 10/ 02/ 2016.

SCRIPTORI, Carmen Campoy. Pressupostos para o trabalho docente com a matemática na educação infantil. In. **Caderno de Formação: didática dos conteúdos - formação de professores**. 1.ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 03, p. 143-155.

VITÓRIA, Maria Inês Corte. **Múltiplas Linguagens na educação infantil: a criança sob nova ótica e nova estética**. Revista Ágora: Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, 2010. Disponível em: http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/revistavirtualagora/materiais/Artigo_Maria_Ines_PUC.pdf. Acesso em 20/ 07/ 2015.